

Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil

Study of therapeutical use plants in municipality of Santa Bárbara do Pará, State of Pará, Brazil

Roberta Braga Amoras Leão¹; Márlia Regina Coelho Ferreira² & Mário Augusto Gonçalves Jardim³

RESUMO – Foi realizado um estudo nas comunidades de Pau D'arco e São João Batista, no município de Santa Bárbara do Pará, estado do Pará com o objetivo de documentar os conhecimentos sobre as plantas de uso terapêutico por moradores locais, visando demonstrar sua importância no contexto popular. A coleta dos dados e do material botânico foi efetuada entre os meses de outubro/2003 a maio/2004. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 25 informantes, mulheres com idade média de 51 anos. Foram citadas 66 espécies distribuídas em 36 famílias. De acordo com a ordem de importância, as espécies que apresentaram maior frequência de citação foram: *Piper callosum* Ruiz & Pav., *Mikania lindleyana* DC, *Portulaca pilosa* L., *Ruta graveolens* L., *Mentha* sp., *Bryophyllum calycinum* Salisb, *Plectranthus barbatus* Andrews, *Aloe vera* (L.) Burman f., *Cinnamomum zeylanicum* Nees, *Eucalyptus* spp., *Chenopodium ambrosioides* L., *Gossypium herbaceum* L. e *Himatanthus sukuuba* (Spruce ex Muell.Arg.) Woodson. A maioria das plantas é cultivada em quintal, apenas algumas coletadas na floresta. Além disso, observou-se a troca de espécies vegetais entre famílias e vizinhos e, eventualmente, a aquisição em feiras livres. Os principais problemas tratados com as plantas medicinais foram: dor de cabeça, gripe, febre, problemas de estômago, inflamações e diarreia. As folhas constituem o farmacógeno mais utilizado nas preparações caseiras, entre as quais prevaleceram os chás e os banhos. Observou-se que a troca de informações é a principal forma de transmissão do conhecimento sobre o uso de plantas.

PALAVRAS-CHAVE – Etnobotânica, composição florística, aplicações farmacêuticas.

SUMMARY – It was made a study in Pau D'arco and São João Batista, communities of Santa Bárbara do Pará county, to register the therapeutical use plants knowledge by local inhabitants, aiming to demonstrate its importance in the popular medicine context. The data collection and the botanical material were done between October/2003 and May/2004, respectively. It was made a theoretical interview search support half-structured with 25 informers – all women – average of 51 years and listed 66 raised species, distributed in 36 families: *Piper callosum* Ruiz & Pav., *Mikania lindleyana* DC, *Portulaca pilosa* L., *Ruta graveolens* L., *Mentha* sp., *Bryophyllum calycinum* Salisb, *Plectranthus barbatus* Andrews, *Aloe vera* (L.) Burman, *Cinnamomum zeylanicum* Blume, *Eucalyptus* spp., *Chenopodium ambrosioides* L., *Gossypium herbaceum* L. and *Himatanthus sukuuba* (Spruce ex Muell.Arg.) Woodson.. The most of the used plants by the community is cultivated in yard and some are collected in the bush. Moreover, it was observed exchange of species between family and neighbours and eventually in markets purchase. The usual problems treated with the medicinal plants were flue, migraine, fever, stomach problems, inflammation and diarrhea. The leaves is most used in teas and baths. It was observed that the information exchange among relatives and friends is one of the transmission about the use plants knowledge.

KEYWORDS – Ethnobotany, floristic composition, pharmaceutics applications.

INTRODUÇÃO

O Brasil é o país que detém a maior parcela da biodiversidade do mundo, além de um considerável conhecimento tradicional, o qual é passado de geração a geração, incluindo um vasto acervo de informações sobre manejo e uso de plantas medicinais. Entre os elementos que constituem a grande biodiversidade, as plantas medicinais utilizadas em comunidades tradicionais, como remédios caseiros, são consideradas a matéria-prima para fabricação de fitoterápicos e outros medicamentos.

O estudo do uso de plantas para vários fins nas comunidades tradicionais está se tornando uma necessidade urgente, especialmente no mundo tropical. Tais comunidades vêm sofrendo crescentes pressões econômicas e culturais da sociedade envolvente, com conseqüências drásticas para as suas culturas tradicionais. O conhecimento acumulado por estas populações, através de séculos de contato estreito com seu meio ambiente, viria enriquecer bastante o pouco que ainda se sabe sobre a utilização da flora tropical (Amorozo & Gely, 1988).

Recebido em 17/11/2006

¹Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi/CBO, Av. Magalhães Barata, 376, CEP 399, Belém - Pará;

²Pesquisadora do MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi/CBO, Av. Magalhães Barata, 376, CEP 399, Belém - Pará;

³Pesquisador do MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi/CBO, Av. Magalhães Barata, 376, CEP 399, Belém - Pará.

Área de Estudo

Inúmeras pesquisas vêm demonstrando a presença de um amplo conhecimento sobre os recursos naturais nas comunidades tradicionais, as quais além de indicar o uso de espécies em potencial, podem vir a ensinar novos modelos para uso e manejo. Amorozo (1996) chama atenção para o fato de que na seleção de espécies medicinais para estudos farmacológicos é necessária a sua coleta, o registro e a análise de usos contextualizados, uma vez que os usos são individuais. É fundamental considerar que o uso das plantas para fins terapêuticos está inserido em um contexto social e ecológico que vai, de certa forma moldá-lo, de modo que muitas das peculiaridades deste emprego não podem ser entendidas se não se levar em consideração fatores culturais envolvidos, além do ambiente físico onde ele ocorre (Di Stasi, 1996).

De acordo com Sixel & Pecinalli (2002), a seleção de plantas para pesquisa farmacológica pode ser planejada baseando-se em um reestudo da planta, levando-se em consideração algumas propriedades farmacológicas já descritas em literatura, no levantamento ecológico, no "screening" farmacológico e nos critérios quimiotaxonômicos através do conhecimento da estrutura química de um determinado princípio ativo encontrado em uma espécie vegetal e que seja responsável por suas atividades farmacológicas; bem como a seleção por meio de investigações etnofarmacológicas. As vantagens no desenvolvimento das pesquisas farmacológicas e clínico-farmacológicas com plantas, baseadas no preparo tradicional é o alcance social (Sixel & Pecinalli, 2005).

A utilização de plantas medicinais na prevenção e cura de moléstias está condicionada a um processo de experimentação que vem se desenvolvendo desde os tempos mais remotos, constituindo assim a base da fitoterapia, a qual vem sendo retomada pela medicina ocidental, que procura aproveitar suas práticas, dando-lhes respaldo científico e integrando-as num conjunto de princípios que visam mais do que curar algumas doenças, restituir o homem à vida natural (Buchillet, 1991). Aproximadamente 80% da população brasileira não têm acesso aos medicamentos mais essenciais. Como as plantas medicinais apresentam maior facilidade quanto ao acesso, custo e manipulação passam a atuar como a primeira ou talvez única escolha ao acesso à saúde (Nolla e Severo, 2005).

A medicina tradicional, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é o conjunto de todos os conhecimentos teóricos e práticos, utilizados para explicar, prevenir e suprimir transtornos físicos, mentais ou sociais, baseados exclusivamente na experiência e na observação; transmitindo oralmente ou por escrito de uma geração à outra (Coelho-Ferreira, 2000). Deste modo, a realização de pesquisas com plantas medicinais pode contribuir para melhorar o uso dos recursos vegetais pela população local, bem como subsidiar indicadores para novas e eficazes drogas no combate a diversas patologias.

Fundamentada nas considerações acima é que esta pesquisa objetivou documentar os conhecimentos sobre plantas medicinais e seus usos terapêuticos por habitantes de duas comunidades no município de Santa Bárbara do Pará.

O município de Santa Bárbara do Pará está localizado na mesoregião de Belém, distando aproximadamente 40Km da capital paraense à margem esquerda do rio Traquateua e às margens da Rodovia Augusto Meira Filho que liga o Km 25 da BR-316 ao distrito de Mosqueiro. A vegetação do município está representada em sua maioria por floresta secundária – capoeira, cuja formação é proveniente da cobertura vegetal primária, para a implantação de agricultura e pecuária. Encontram-se preservadas ao longo das margens dos rios, a mata de galeria, as florestas de várzea e no baixo curso do rio Tauá e Furo das Marinhas e a floresta de mangue (Sudam, 1993).

A comunidade de Pau D'arco está situada às margens da Rodovia Augusto Meira Filho, distando apenas 3km da sede do município, no sentido BR-316/Mosqueiro; possui aproximadamente 2.792 moradores fixos, distribuídos em 1.031 domicílios. A comunidade de São João Batista está localizada a 12km da PA-391 e possui aproximadamente 162 habitantes, distribuídos em 84 domicílios.

Pesquisa de Campo

Foram entrevistadas 15 informantes da Comunidade de Pau D'arco e 10 na Comunidade de São João Batista, todas mulheres, com idade média de 51 anos, tendo a mais jovem 28 anos e a mais idosa 74 anos. O trabalho de campo teve duração de 8 meses com visitas mensais. O registro das informações etnobotânicas sobre as espécies medicinais inventariadas foi realizado com auxílio de entrevistas semi-estruturadas com as informantes, baseando-se em Alexiades (1996). Foram obtidas informações sobre o nome popular, parte utilizada, forma de preparo, indicação e hábito. Para coleta, preparo e identificação do material botânico, foi utilizada a técnica descrita por Ming (1996). A identificação do material foi realizada no Museu Paraense Emílio Goeldi e na Embrapa-Amazônia Oriental por técnicos especializados e por meio de comparação com exsicatas depositadas nos herbários.

Para cada espécie identificada foi determinada a frequência e citação, visando a seleção das espécies mais representativas, considerando-se um índice de citação igual ou superior a 45% a qual é dada pela proporção entre o número de citações da espécie pelo número de citações da espécie mais citada (Amorozo & Gély, 1988).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 66 espécies distribuídas em 61 gêneros e 36 famílias (**Quadro I**). Entre as espécies, 28% (10 espécies) pertencem à família Lamiaceae e 17% (6 espécies cada) para Asteraceae e Euphorbiaceae. Muito embora estas famílias não tenham sido encontradas nesta ordem de importância, os resultados obtidos foram semelhantes aos encontrados por Ming (1995), Coelho-Ferreira (2000) e Amorozo (2002). De acordo com Souza Brito & Souza Brito (1993), essas famílias estão entre as comumente estudadas no Brasil, sendo que Asteraceae é responsável por cerca de 10 espécies. Os autores acreditam que dois fatores são responsáveis por esta especificidade em espécies de Asteraceae: o uso popular que apresenta influência na

escolha da planta e a disponibilidade nos ambientes. Pesquisas já demonstraram as classes de compostos presentes em Asteraceae, como p. ex.: compostos fenólicos, cumarinas, furanocumarinas, ácidos graxos, ceras e óleos, lignanas, óleos fixos e voláteis e taninos; para Lamiaceae: compostos fenólicos, óleos fixos voláteis e Euphorbiaceae, apenas compostos tóxicos.

Ming (1995) descreveu que Lamiaceae e Asteraceae apresentam óleos essenciais, exercendo atividade antimicrobiana e antiinflamatória; enquanto Euphorbiaceae contém alcalóides. Cronquist (1981) destacou a produção de poliacetilenos, óleos essenciais e baixa quantidade de sesquiterpenos em espécies de Asteraceae, além da presença de cumarinas e para Lamiaceae, a presença de mono e di-terpenos, sesquiterpenos, triterpenóides, compostos iridóides e fenilpropanóides. Schultes & Raffauf (1990) mostraram que Euphorbiaceae apresenta elevadas quantidades de alcalóides.

Quanto as hábitos das espécies (Quadro I), destacaram-se por ordem de importância, o herbáceo (37 espécies), arbóreo (9 espécies), arbustivo (8 espécies), trepador (7 espécies) e subarbustivo (4 espécies). A predominância das herbáceas foi observada em outros estudos realizados na Amazônia por Amorozo & Gély (1988) e Coelho-Ferreira (2000). A maioria das plantas é cultivada em quintal como, p. ex., a babosa, o elixir paregórico, o boldo e o anador. Apenas algumas espécies são coletadas da floresta, como o barbatimão e a verônica. Com relação ao ambiente explorado, Amorozo & Gély (1988) e Ming (1995) também citaram o quintal como a principal fonte de espécies medicinais.

Observando-se o Quadro I, a folha consistiu na parte vegetal mais utilizada (81,81%), seguida pela raiz (12,12%) e a casca (9,09%). Estes resultados corroboram com as pesquisas de Ming (1995), De La Cruz Mota (1997), Coelho-Ferreira (2000), Amorozo (2002) e Lisboa (2002). Foram constatadas diversas formas de preparações caseiras: banho, lambedor, suco, chá, sumo, garrafada com álcool, infusões, leite para aplicação tópica, xarope e pomada. No entanto, houve maior prevalência para o chá e banho (Quadro I, págs. 24/25).

Para Coelho-Ferreira (2000) e Amorozo (2002), essas preparações são comuns e bastante utilizadas pelas populações amazônicas no tratamento de doenças. Para Nolla e Severo (2005), o aproveitamento integral dos princípios ativos de uma determinada planta ocorre a partir de uma adequada preparação. Deste modo, para cada parte da planta a ser usada, para a obtenção dos princípios ativos e para cada doença ou sintoma, existem diferentes formas de preparo, usos e vias de administração adequada. Na comunidade de Pau D'arco, as informantes utilizam normalmente a via oral no tratamento de alguns distúrbios gastrointestinais, enquanto que, para alguns problemas respiratórios, a via tópica, na forma de banho.

As principais afecções e sintomas citados e tratados pelas comunidades foram a dor de cabeça, gripe, febre, distúrbios gastrointestinais e inflamações (Quadro I). Estes resultados também foram encontrados nas pesquisas de Ming (1995), Amorozo (2002) e Coelho-Ferreira (2000).

Em relação à representatividade das espécies medicinais destacaram-se: *Piper callosum* Ruiz & Pav. (Elixir Paregórico – 100%), *Mikania lindleyana* DC (Sucuriju – 100%), *Portulaca pilosa* L. (Amor Crescido – 78%), *Ruta graveolens* L. (Arruda – 78%), *Mentha* sp.

(Boldo – 78%), *Bryophyllum calycinum* Salisb (Pirarucu – 78%), *Plectranthus barbatus* Andrews (Anador – 71%), *Aloe vera* (L.) Burman f. (Babosa – 71%), *Cinnamomum zeylanicum* Nees (Canela – 57%), *Eucalyptus* spp. (Eucalipto – 57%), *Chenopodium ambrosioides* L. (Mastruz – 57%), *Gossypium herbaceum* L. (Algodão – 57%) e *Himatanthus sucuúba* (Spruce ex Muell.Arg.) Woodson (Sucuúba – 50%) por apresentarem um maior número de citações. Dessas espécies, algumas já apresentam constituintes químicos com respectivas atividades farmacológicas comprovadas cientificamente (Perdue & Blomster, 1978; Albuquerque, 1989; Davis *et al.*, 1989; Farmacopea Vegetal Caribenã, 1996; De Miranda *et al.*, 2000; Wood *et al.*, 2001; Matos, 2000; Acevedo-Duncan *et al.*, 2004; Langmead *et al.*, 2004)

Matos (2000) identificou alguns constituintes químicos de *Plectranthus barbatus*; no entanto, o princípio ativo e a substância responsável pelo sabor amargo das folhas ainda não são conhecidos. Davis *et al.*, (1989) realizaram estudos com *Aloe vera* utilizando alguns componentes capazes de induzir edema (albumina, dextrano, gelatina e mostarda) e mostraram um largo espectro de atividade antiinflamatória, em decorrência da presença de antraquinonas.

CONCLUSÕES

Pelo tempo de trabalho, as informações apresentadas neste estudo não refletem toda importância que as plantas medicinais poderiam ter para o tratamento de afecções nas comunidades de Pau D'arco e São João Batista, em consequência da baixa amostragem de informantes. O uso das plantas é empírico e baseado, sobretudo, em crenças populares, experiências pessoais e na troca de informações entre a população local. Portanto, estes conhecimentos estão limitados aos mais idosos. A dificuldade de acesso aos serviços de saúde pública faz com que a prática da medicina tradicional seja uma alternativa mais viável em curto prazo para os moradores mais carentes. A criação de políticas públicas através de incentivos governamentais, como por exemplo, a implantação de farmácia viva nas comunidades é fundamental para o resgate e valorização do conhecimento popular, bem como na produção e comercialização da matéria-prima vegetal.

REFERÊNCIAS

1. Acevedo-Duncan, M.; Russel, C.; Patel, S. & Patel, R. Aloe-emodin modulates PKC isozymes, inhibits proliferation and induces apoptosis in U-373MG glioma cells. *International Immunopharmacology*, 4(14): 1775-84. 2004.
2. Albuquerque, J. M. *Plantas medicinais de uso popular*. Brasília, ABEAS, 1989. 96p.
3. Alexiades, M. N. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York, 1996. 306p.
4. Amorozo, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, 16(2):189-204. 2002.
5. Amorozo, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. Di Stasi, L.C. (org.). São Paulo, UNESP, 1996. p.47-68.
6. Amorozo, M. C. M. & Gély, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Botânica*, 4(1):47-131. 1988.
7. Buchillet, D. *Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia*. Belém, MPEG/CNPq/PR/CEJUP/UEP, 1991. 504p.
8. Coelho-Ferreira, M. R. *Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia Brasileira)*. Tese de Doutorado. Belém, UFPA/MPEG, 2000. 244p.
9. Cronquist, A. *An integrated system of classification of flowering plants*. New York, Columbia University Press, 1981. 1262p.
10. Davis, R. H.; Leitner, M. G.; Russo, J. M. & Byrne, M. E. Anti-inflammatory activity

- of *Aloe vera* against a spectrum of irritants. *Journal of the American Pediatric Medical Association*, 79(6):263-276, 1989.
11. De La Cruz Mota, M. G. F. *Plantas medicinais utilizadas por raizeiros: uma abordagem etnobotânica no contexto da saúde e doença – Cuiabá, Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, 1997, 252p.
 12. De Miranda, A. L.; Silva, J. R.; Rezende, C. M.; Neves, J. S.; Parrini, S.C.; Pinheiro, M. L.; Cordeiro, M. C.; Tamborini, E. & Pinto, A. C. Anti-inflammatory and analgesic activities of the latex containing triterpenes from *Hymatanthus sucuba*. *Planta Med*, 66(3):284-286, 2000.
 13. Di Stasi, L. C. Arte, ciência e magia. In: Di Stasi, L. C. (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo, UNESP, 1996. p. 3-17.
 14. Farmacopeia Vegetal Caribênã. Santo Domingo: Émile Désormeaux, 1996. 360p.
 15. Langmead, L.; Makins, R. J. & Rampton, D. S. Anti-inflammatory effects of *Aloe vera* gel in human colorectal mucosa in vitro. *Alimentary Pharmacology & Therapeutics*, 19(5):521-534, 2004.
 16. Lisboa, P. L. B. *Natureza, homem e manejo de recursos naturais na região de Caxiuanã, Melgaço, Pará*. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002. 145p.
 17. Matos, F. J. A. *Plantas medicinais: guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil*. 2ª edição Fortaleza, 2000, 345p.
 18. Ming, L. C. *Levantamento das plantas medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes" – Acre*. Tese de Doutorado, Botucatu, UNESP, 1995. 175p.
 19. Ming, L. C. Coleta de plantas medicinais. In: Di Stasi, L. C. (ed.). *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo, UNESP, 1996. p.23-37
 20. Nolla, D.; Severo, B. M. A. *Plantas medicinais*. 2ªed., Passo Fundo: UPF, 2005. 72p.
 21. Perdue, G. P. & Blomster, R. N. South American plants III: isolation of fulvoplumierin from *Hymatanthus sucuba* (Müell. Arg.) Woodson (Apocynaceae). *Journal Pharm. Sci.*, 67(9):1322-3, 1978.
 22. Sixel, P. J. & Pecinalli, N. R. Seleção de plantas para pesquisa farmacológica. *Revista Pharmacia Brasileira*, ano III, nº 31, abril/maio. 2002.
 23. Sixel, P. J. & Pecinalli N. R. Características farmacológicas gerais das plantas medicinais. *Revista Pharmacia Brasileira*, ano IX, nº 47, março/abril/maio. 2005.
 24. Souza Brito, A. R. M. & Souza Brito, A. A. Forty years of Brazilian medicinal plant research. *Journal Ethnopharmacology*, 39:53-67, 1993.
 25. Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, municípios paraenses: Santa Bárbara do Pará. Belém, SEPLAN, *Novos Municípios*, 1993, v.33, 36p.
 26. Schultes, R. E. & Raffauf, R. F. *The healing forest: medicinal and toxic plants the northwest Amazonia*. Oregon, Dioscorides Press, 1990, 484p.
 27. Wood, C. A.; Lee, K.; Vaisberg, A. J.; Kingston, D. C.; Neto, C. C. & Hammond, G. B. A bioactive spiro lactone iridoid and triterpenoids from *Hymatanthus sucuba*. *Chem. Pharm. Bull.*, 49(11):1477-8, 2001.

Endereços para correspondência
 Marlia Regina Coelho Ferreira
 E-mail: mcoelho@museu-goeldi.br
 Mario Augusto Gonçalves Jardim
 E-mail: jardim@museu-goeldi.br

QUADRO I

Relação das plantas com fins terapêuticos das comunidades de Pau D'arco e São João Batista, município de Santa Bárbara do Pará com nome popular, nome científico, Família, Hábito (H=herbáceo, A=arbóreo, T= trepadeira, C=cipó, a=arbuscivo, s.a.=subarbuscivo), indicação local, parte usada e modo de preparo

Nome popular	Família	Nome científico	Hábito	Indicação local	Parte usada	Modo de preparo
Abre caminho	Acanthaceae	<i>Justicia plecrantus</i>	H	Dor de cabeça	Folhas	Banho
Açaí	Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	A	Diarréia	Raiz	Chá
Alecrim d'angola	Verbenaceae	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	A	Gripe, febre	Folha	Banho
Alfazema	Lamiaceae	<i>Lavanda officinalis</i> Chaix & Kitt.	s.a.	Dengue, dor de barriga	Folha	Chá
Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	A	Gripe, tosse, asma, febre e diarreia	Folha	Sumo com mel, sumo com açúcar
Amor crescido	Portulacaceae	<i>Portulaca pilosa</i> L.	H	Baue, estômago, fígado, rim, inflamações	Folha	Sumo, chá, garrafada
Anador	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Benth.	H	Dor, febre	Folha	Chá
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	H	Banho atrativo, dor de ouvido, dor de cabeça gripe, derrame	Folha	Banho, sumo, garrafada, chá
Babosa	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	H	Queimadura, câncer no útero, "isipla", tuberculose, estômago, asma, câncer em geral	Folha	Sumo, garrafada com sumo da folha, cachaça, mel e leite, folha batida com mel
Boldo	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	a	Fígado, dor, febre, estômago, barriga inchada	Folha	Chá
Caabi	Malpighiaceae	<i>Banisteropsis caapi</i> (Spruce Morton Ex Griseb.)	T	Dor de cabeça, gripe	Folha	Sumo da folha com cachaça ^a
Cajueiro	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	A	Diarréia	Broto	Chá
Camapu	Solanaceae	<i>Physalis angulata</i> L.	s.a.	Estômago	Raiz	Chá
Camembeca	Polygalaceae	<i>Polygala spectabilis</i> DC.	s.a.	Tosse	Raiz	Xarope
Canarana	Zingiberaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Roscoe	H	Problema nos rins	Folha e casca	Chá
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	A	Vômito, pressão baixa, gripe	Folha seca	Banho, chá
Capim santo	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	H	Pressão, fortalecer os cabelos, estresse	Raiz, folha, broto	Chá
Carrapicho de ovelha	Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	H	Derrame	Folha	Chá
Caatinga de mulata	Lamiaceae	<i>Aeolanthus suaveolens</i> G.Don	H	Banho atrativo, dor de cabeça	Folha	Banho, garrafada
Cipó de alho	Bignoniaceae	<i>Adenocalyma alliaceum</i> Miers.	T	Dor de cabeça, expelir catarro	Folha	Garrafada, banho
Cipó pucá	Vitaceae	<i>Cissus sicyoides</i> L.	T	Gastrite, gases, dor de cabeça	Folha	Chá, garrafada
Chicória	Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	H	Infecções, dor menstrual	Folha e raiz	Chá
Comigo ninguém pode	Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	H	Dor d cabeça	Folha	Banho
Copaiba	Caesalpinaceae	<i>Copaifera</i> sp.	A	Inflamações	Casca	Chá e infusão
Coramina	Euphorbiaceae	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Port.	H	Coração	Folha	Chá
Corrente branca	Amarathaceae	<i>Pflaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	H	Diarréia, ameiba	Folha e raiz	Chá, sumo
Cravo de defunto	Asteraceae	<i>Tagetes patula</i> L.	H	Gripe	Folha	Banho

Cupuaçu	Sterculiaceae	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) K. Schum.	A	Diarréia	Casca	Chá
Dinheiro em penca	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus</i> sp.	H	Para atrair dinheiro	Folha	Banho
Elixir paregórico	Piperaceae	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	H	Fígado, estômago, gases, dor intestinal	Folha	Chá
Erva cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	H	Insônia, calmante, falta de ar	Folha	Chá
Espinheira santa	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch	s.a.	Dor de estômago	Folha	Chá
Escada de jabuti	Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	C	Ameba	Cipó	Chá
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> spp.	A	Febre, dor de cabeça	Folha	Chá
Favacão	Lamiaceae	<i>Ocimum viride</i> Willd.	a	Gripe	Folha	Banho
Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	H	Tosse, bronquite, reumatismo	Folha	Xarope
Gergelim preto	Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	H	Derrame	Folha	Chá
Goiabeira	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	A	Diarréia	Broto	Chá
Hortelã grande	Lamiaceae	<i>Marrubium vulgare</i> L.	H	Tosse, baque	Folha	Xarope, pomada
Jalapa	Polygalaceae	<i>Polygala violácea</i> Aubl.	H	Gripe	Planta inteira	Banho
Jambu	Asteraceae	<i>Spilanthes oleracea</i> L.	H	Gastrite, gases, fígado	Folha	Chá
Japana branca	Asteraceae	<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl.	H	Gripe, nervos, falta de ar, expelir catarro	Folha	Banho, sumo
Jucá	Caesalpiniaceae	<i>Caesalpinia férrea</i> Mart.	a	Fígado, estômago	Folha	Chá
Manjerição	Lamiaceae	<i>Ocimum minimum</i> L.	H	Dor de cabeça, gripe	Folha	Banho
Manjerona	Lamiaceae	<i>Origanum majorna</i> L.	H	Alergia	Folha	Chá
Mão aberta	Araceae	<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	H	Dor de cabeça	Folha	Banho
Marupazinho	Iridaceae	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	H	Diarréia	Batata	Chá
Mastruz	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	H	Estômago, baque, tuberculose e pneumonia	Folha	Chá, sumo
Mucuracáá	Phytolacaceae	<i>Petiveria alliaceae</i> L.	H	Dor de cabeça	Folha	Banho
Oriza	Lamiaceae	<i>Pogostemum heyneanus</i> Benth.	H	Gripe, dor de cabeça, asma, pressão	Folha	Banho, sumo, chá
Patchouli	Poaceae	<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash	H	Queda de cabelo	Raiz	Banho
Pau d'angola	Piperaceae	<i>Piper divaricatum</i> G.F.W.Mey	H	Gripe, dor de cabeça	Folha	Banho, garrafada
Pau d'arco	Bignoniaceae	<i>Tabebuia barbata</i> (E.Mey) Sand.	A	Inflamações	Casca	Chá, infusão
Pariri	Bignoniaceae	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	T	Anemia, hepatite	Folha	Chá
Pião branco	Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	a	Cicatrização	Folha	Pomada
Pião roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	a	Dor de cabeça, gripe, cicatrização	Folha	Banho
Pirarucu	Crassulaceae	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	h	Olhos, frieira, ferimentos, asma, fígado, inflamações, gastrite, anemia, gripe	Folha	Sumo, Chá, Garrafada, Xarope
Pluma	Asteraceae	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	H	Coração	Folha	Chá
Quebra pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	H	Rim	Raiz	Chá
Quina	Simarubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	a	Serve para qualquer problema de saúde	Folha	Chá
Sabugueiro	Caprifoliaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	A	Asma, sarampo, catapora	Folha	Chá
Sacaca	Euphorbiaceae	<i>Croton cajucara</i> Benth.	a	Gastrite	Folha	Chá
Sucuúba	Apocynaceae	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce)	A	Inflamações, cancer, diarréia, ameba ex Müell.Arg) Woodson	Casca	Chá
Sucuriju	Asteraceae	<i>Mikania lindleyana</i> DC	T	Fígado, estômago, inflamações, anemia	Folha	Chá, garrafada
Verônica vermelha	Fabaceae	<i>Dalbergia monetaria</i> Ducke	C	Inflamações, anemia	Casca	Chá, infusão
Vicky	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	H	Gripe, descongestionante nasal, dor de cabeça, inflamação na garganta	Folha	Chá